

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



EXISTE AZILENSE EM PORTUGAL? NOVOS DADOS SOBRE O TARDIGLACIAR E O PRÉ-BOREAL NO VALE DO CÔA

Thierry Aubry¹, Cristina Gameiro², André Santos³, Luís Luís⁴

RESUMO

O faseamento do Magdalenense definido no Sudoeste francês, estabelecido com base na tipologia da indústria em osso, tem vindo a ser adotado em Portugal (Zilhão 1997, Bicho 1997, Gameiro 2012). Relativamente à transição do Pleistoceno para o Holoceno, tem-se considerado que, apesar da existência de pontas azilenses, a ausência de indústria óssea em território nacional, bem como a inicialmente defendida continuidade tecnológica entre o Magdalenense e o Azilense franco-cantábricos, torna impossível a caracterização de um período azilense (Zilhão 1997). O estudo das indústrias líticas de sítios do Baixo Côa (Fariseu, Cardina, Quinta da Barca Sul) e a continuação dos estudos em França e no norte da Península Ibérica conduziram ao abandono da perspectiva de continuidade tipo-tecnológica entre o Magdalenense e o Azilense. As mudanças tecnológicas das indústrias do Vale do Côa, bem como as convenções morfotécnicas e temáticas das representações artísticas a elas associados, aproximam-se do faseamento identificado na região franco-cantábrica entre o fim do Tardiglaciário e o início do Holoceno.

Palavras-chave: Tardiglaciário, Magdalenense, Azilense, Tecnologia lítica, Arte paleolítica, Vale do Côa.

ABSTRACT

The Magdalenian sequence defined for Southwest France, established based on bone industry, has been adopted in the Portuguese studies (Zilhão 1997, Bicho 1997, Gameiro 2012). Concerning the Pleistocene/Holocene transition, it has been considered that, despite the existence of azilian points, the absence of bone industry and the supposed Magdalenian-Azilian technological continuity doesn't allow the definition of an azilian period (Zilhão 1997). The study of lithic assemblages from Lower Côa sites (Fariseu, Cardina, Quinta da Barca Sul), and the ongoing studies in France and northern Iberia has led to the abandon the idea of Magdalenian-Azilian typological and technological continuity. In the Côa Valley, technological, stylistic and thematic artistic changes are closer to the Franco-Cantabrian Lateglacial to early Holocene sequence.

Keywords: Lateglacial, Magdalenian, Azilian, Lithic Technology, Palaeolithic art, Côa Valley.

1. INTRODUÇÃO

A história da evolução da terminologia relativa à passagem do Pleistoceno para o Holoceno reflete o avanço do conhecimento da Pré-história europeia deste momento charneira da história da humanidade. Entendendo-se já o “Magdalenense” como a cultura dos últimos caçadores de rena, em 1873 é

criado o termo “mesolítico” para preencher o hiato populacional então percebido entre a partida destes caçadores e a chegada dos primeiros agricultores (Reboux, 1873). A identificação em Mas d’Azil de níveis posteriores ao Magdalenense leva entretanto à criação do Azilense (Piette, 1889). Face ao acumular de dados, em 1931, G. Goury divide o Mesolítico em Epipaleolítico e Pré-Neolítico, apenas vingando

1. Fundação Côa Parque – Vila Nova de Foz Côa; thaubry@sapo.pt

2. UNIARQ, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; gameiro.cristina@gmail.com

3. Fundação Côa Parque – Vila Nova de Foz Côa; a.t.santos@sapo.pt

4. Fundação Côa Parque – Vila Nova de Foz Côa; luisluis@arte-coa.pt

o primeiro termo, que passa contudo a anteceder o Mesolítico, do qual originalmente fazia parte, gerando alguma confusão (Vialou, 2004, p. 924). O Azilense passa assim a fazer parte do Epipaleolítico, mas com sentidos e uma inserção cronológica que vão evoluindo ao longo do tempo.

Desde os anos 1990, o registo arqueológico do fim do Pleistoceno e início do Holoceno em Portugal tem vindo a ser objeto de vários estudos de síntese com distintas propostas de faseamento. Até 1995, essas propostas, foram exclusivamente centradas na Estremadura Portuguesa (Bicho, 1994, 1997, 2000; Zilhão, 1997, 1997a; Marks & Mishoe, 1997). A partir dessa data, a identificação de sítios coevos noutras regiões (Vale do Côa, Vale do Guadiana e Algarve) permitiu adicionar «pontos no mapa» e obter um melhor conhecimento do povoamento, mas a sequência cronocultural definida para a Estremadura permanece como referência. Apesar do impulso no estudo das indústrias líticas (Almeida, 2013; Aubry, 2009; Gameiro, 2012; Gameiro, Aubry & Almeida, 2013; Mendonça, 2009), da indústria óssea (Évora, 2009), da fauna (Lloveras & alii, 2011; Hocket & Bicho, 2000) e da obtenção de algumas datações pelo método do radiocarbono terem contribuído para a definição de um quadro cronoestratigráfico mais detalhado da ocupação humana, a ausência de datações radiométricas para alguns contextos e a dimensão e características dos conjuntos artefactuais tornam ainda difícil o estabelecimento da variabilidade funcional de cada fase.

Por outro lado, em Portugal, a investigação sobre Paleolítico teve, nas suas origens, ligações fortes com a França, facto que explica a adoção da terminologia e faseamento da sequência clássica do Périgord. M. Heleno (1944) procurou as «origens europeias do povo português» e a presença e condução de trabalhos com a colaboração de investigadores franceses (Breuil, Zbyszewski e Roche) reforçaram essa afiliação.

Na proposta de Zilhão (1995, 1997), a variabilidade tecnopológica e as datas obtidas na Estremadura portuguesa definem uma fase antiga do Magdalenense (17.000-14.000 calBC), uma superior (entre 12.500 e 11.000 calBC) e uma final (11.000-9.000 calBC) com referência às fases das subdivisões clássicas do Magdalenense (Breuil, 1913; Sonnevile-Bordes, 1960). A fase antiga divide-se em dois fácies (Cabeço de Porto Marinho e Cerrado Novo), bem como a final, com o fácies Rossio do Cabo, caracterizado

por um esquema de produção de pequenas lamelas torcidas com retoque marginal, e o fácies Carneira, definido por pontas de Malaurie, pontas azilenses e geométricos de tipo trapézio. Nesta proposta, o Magdalenense final acabaria durante o Pré-Boreal, sendo a fase seguinte representada pelo sítio de Areeiro III, datado do Boreal, caracterizado por núcleos de tipo raspadeira carenada para a produção de lamelas Dufour e de tipo Areeiro. Considerou-se então que, apesar da existência de pontas de dorso curto, fóssil-diretor do Azilense, a ausência de indústria óssea em território nacional, bem como a então defendida continuidade tecnológica entre o Magdalenense e o Azilense franco-cantábricos, tornava impossível a caracterização de um período azilense (Zilhão, 1997, p. 45), justificando-se assim a criação da fase final do Magdalenense de fácies Carneira. Bicho (1995) defende uma proposta distinta, definindo uma fase média do Magdalenense (“*only present at Cabeço de Porto Marinho*”, Bicho, 1995, p. 216), reconhecendo apenas dois fácies culturais, *Rio Maior*, que percorre todo o Magdalenense e *Carinated*, que se inicia a partir de 11.000 BP e atinge o Epipaleolítico. Finalmente, o autor define o *terminus* da fase final do Magdalenense já no Pré-Boreal, que anteriormente considerara Epipaleolítico (Bicho, 1994).

Já depois da publicação destas duas propostas, o reconhecimento da ocupação humana no Baixo Côa veio ampliar o panorama de sítios atribuíveis à fase final do Magdalenense de fácies Carneira (Fariseu, Cardina, Quinta da Barca Sul), segundo a proposta de Zilhão (Zilhão & alii, 1995; Aubry, 2002, 2009). O estudo tecnológico e dos modos de produção dos suportes das indústrias líticas atribuídas ao fim do Paleolítico Superior no Baixo Côa e na Estremadura portuguesa, realizado por um de nós (Gameiro, 2012), veio confirmar o faseamento proposto por Zilhão, particularmente a existência de uma produção de pequenas lamelas de tipo Areeiro sobre raspadeira e buris carenados durante o intervalo de c. 11.500-11.000 BP (c. 13.400-12.750 calBP) e a existência do fácies Rossio do Cabo, questão anteriormente deixada em aberto (Zilhão, 1997, p. 237).

No mesmo ano, na sua tese sobre o Pré-Boreal e o Boreal, A.C. Araújo (2012) estabeleceu um quadro cronocultural para o Mesolítico em território nacional. O estudo veio confirmar a raridade dos utensílios retocados sobre lamelas nos sítios ao ar livre datados do Boreal, com a exceção da série lítica de Areeiro III, associada a datas radiocarbono de c. 8.500 BP

(c. 9500 calBP), revelando uma forte convergência técnica e tipológica com o fácies Rossio do Cabo. Os dados disponíveis não autorizam uma abordagem da questão da continuidade nem uma definição clara das características das indústrias líticas do Pré-Boreal, deixada em branco no quadro cronoestratigráfico proposto por Zilhão (1997, p. 231).

As diferentes perspetivas relativas ao fim do Pleistoceno e ao início do Holoceno revelam uma clara divisão na posição dos investigadores ao nível da identificação de ruturas, mas também entre os diferentes pontos de partida dos que analisam este período, seja a partir do Paleolítico Superior, seja do Neolítico. Para além destas dificuldades inerentes à posição liminar deste período, não podemos deixar de considerar a tafonomia como um fator essencial na dificuldade de tratar esta questão. A este respeito, refira-se a questão já aludida da conservação diferencial da indústria em osso, fundamental no faseamento da área franco-cantábrica, mas também o papel preponderante da reduzida taxa sedimentar nos sítios durante esta fase, devido às oscilações climáticas entre as fases frias do Heinrich 1 e o.

2. OS DADOS DO VALE DO CÔA

2.1. Sequência arqueoestratigráfica

A decisão de preservação *in situ* da arte ao ar livre do Vale do Côa e consequente descoberta de sítios paleolíticos no âmbito da prospecção sistemática revelaram uma forte densidade de povoamento humano, até então desconhecida, nesta área do interior peninsular no final do Pleistoceno (Zilhão, 1997; Aubry 2009). Em 1995, na primeira sondagem na Cardina realizada sob a direcção de João Zilhão, foram encontrados utensílios líticos (incluído uma raspadeira unguiforme, uma ponta de dorso e um trapézio) num contexto remexido, mas que apontavam já para uma ocupação durante a fase final do Tardiglacial. Esta atribuição baseava-se na associação tipológica que definia o fácies Carneira na Estremadura portuguesa (Zilhão & alii, 1995).

A descoberta do sítio da Quinta da Barca Sul (Figura 1), as sondagens de 1996 e os trabalhos realizados até 2001, revelaram um nível de plaquetas de xisto (topo da UE3) numa sequência de depósitos de vertente sobrepostos a um depósito aluvial (Aubry, 2009). O conjunto lítico exumado na unidade estratigráfica 3 era homogéneo do ponto de vista técnico e incluía algumas raspadeiras sobre lasca, raspadeiras

unguiformes, pontas de dorso curvo, um trapézio e dois segmentos. Em 2001, foram dados a conhecer os resultados das datações TL na região (Valladas & alii, 2001) obtidos em três fragmentos de quartzito aquecidos, dois deles exumados na camada 3 do quadrado F5 da Quinta da Barca Sul (11.900 ± 1.100 anos e 11.600 ± 1.200 anos BP) e um na camada 3 da sondagem 7 (12.700 ± 1.000 BP). Apesar das diferenças entre os dois quadrados, os resultados obtidos são estaticamente semelhantes, tendo em conta o desvio padrão, confirmando plenamente a atribuição da sua ocupação ao final do Tardiglacial, avançada em 1997 com base em critérios tipo-tecnológicos (Aubry, Carvalho & Zilhão, 1997).

Dos trabalhos de sondagem frente à Rocha 1 do Fariseu (Figura 1), em 1999, resultou a elaboração de um registo de referência paleoambiental e arqueoestratigráfico, no fundo do vale, no intervalo compreendido entre 18.500 e 11.500 calBP (Aubry, 2009; Aubry & alii, 2010, 2015, Mercier & alii, 2006). O estudo micromorfológico (Sellami, 2009) e as datações TL e OSL aí obtidas permitiram estabelecer a sua relação com as fases artísticas rupestres e sobre suporte móvel (ver adiante), bem como estabelecer uma correlação entre a alternância de fases de sedimentação aluviais e de vertente e as oscilações climáticas identificadas durante o fim do Pleistoceno no registo oceânico atlântico (Aubry & alii, 2010). Esta proposta considera que as fases Heinrich 1/Dryas antigo (ca. 16-14.000 BP [c. 19500-16800 calBP]) e Heinrich 0/Dryas recente (11-10.000 BP [c. 12900-11300 calBP]) estão representadas pelas camadas constituídas por crioclastos das UE7/8 e 4 da sequência da Rocha 1 do Fariseu, enquanto os depósitos aluviais das UE5 e 6 corresponderiam aos melhoramentos climáticos do Bölling e Allerød.

As datas TL e OSL da UE4 do Fariseu, obtidas a partir de fragmentos de quartzito queimado e sedimento, revelaram-se coerentes quanto à sua posição estratigráfica, à relação entre elas (topo: 11.000 ± 1.100 , 10.800 ± 1.700 , base: 11.800 ± 900 anos) e com as datas ^{14}C , sobre osso, (10.510 ± 40 BP [Beta – 213130] e 9.830 ± 130 BP [Ua – 32645], equivalentes a 12.500-11.500 calBP) (Aubry, 2009). A formação desta unidade por processos de vertente, com alimentação resultante da degradação dos afloramentos rochosos por crioclastia acumulados preferencialmente no ponto de rutura da vertente, situado no limite da planície aluvial, é de natureza idêntica à UE3 da Quinta da Barca Sul (Aubry & alii, 2010), similitude que se

verifica também entre os respetivos conteúdos arqueológicos (Aubry, 2009; Gameiro, 2009, 2012). A indústria lítica da UE4 do Fariseu, escavada numa área de c. de 30 m², evidenciou um total de 6.122 peças lascadas, dos quais 114 correspondem a utensílios retocados. O estudo tipo-tecnológico indica uma utilização das rochas locais para a produção de lascas transformadas em raspadeiras, raspadores e denticulados e uma produção em rochas siliciosas filonianas de grão fino e variedades de sílex alóctones de pontas azilenses, pontas de dorso, lamelas de retoque marginal e raros geométricos (Aubry 2009; Gameiro, 2009, 2012). A equivalência estatística entre as datas da UE4 da rocha 1 do Fariseu e as da UE3 da Quinta da Barca Sul estende-se igualmente à composição tipológica de ambos os conjuntos (Aubry, 2009).

Para além desta fase centrada no Dryas recente, as observações efetuadas durante a campanha de 2007 no Fariseu revelaram ainda a existência de um nível arqueológico na base da unidade estratigráfica 6 (datada de 15.200±1.600 BP), do qual deverão provir os seixos de quartzito queimados datados por OSL (13.700±1.000) e TL (14.300±1.100), inicialmente atribuídas ao topo da UE7 (Aubry, 2009, p. 80; Mercier & alii, 2006). Esta camada apresenta indícios de uma erosão fluvial e os elementos líticos de módulo reduzido foram provavelmente lavados e são sub-representados. Foi recuperado um único exemplar de lamela de dorso neste nível.

O conjunto lítico da base da UE2 da Quinta da Barca, atribuído ao Magdalenense Superior, com base na associação de lamelas de dorso a dois triângulos (Aubry, Carvalho & Zilhão, 1997, p. 131), poderá ser coevo desta fase, mas a fraca espessura e coerência

questionável da sequência estratigráfica do sítio impede-nos de considerá-lo como um contexto fiável para esta discussão (Aubry, 2001).

Os novos trabalhos arqueológicos, iniciados em 2014 no sítio da Cardina (Aubry & alii, 2015) permitiram precisar a sequência de ocupação definida entre 1995 e 2001. Até ao momento, não foram identificadas pontas de dorso curvo, que caracterizam a UE4 do Fariseu e a UE3 da Quinta da Barca Sul. No entanto, verifica-se a existência sistemática em todas as áreas escavadas do sítio, de geométricos de tipo segmento de círculo, em cristal de rocha, nas primeiras unidades artificiais da UE4 da Cardina, em associação com lamelas de dorso de várias tipologias (Figura 2, nº1-10). Estes geométricos foram considerados como elementos integrantes da associação tipológica da fase recente do Magdalenense (Aubry & alii, 2015), tal como proposto para o material proveniente da Cardina II (Zilhão & alii, 1995) e da Quinta da Barca Sul.

Todavia, torna-se necessário reconsiderar esta determinação, tendo em conta duas datas ¹⁴C estatisticamente equivalentes, obtidas em Abril de 2017 sobre dois ossos cremados de espécie indeterminada, provenientes de entre os 5 e 10 primeiros centímetros da UE4, através do método “*bone carbonate extraction (acid wash prior to acidification)*” (Tab. 1). Estas novas datas apontam para uma ocupação do sítio durante o Pré-Boreal, tendo a associação tipológica dos geométricos às pontas de dorso, defendida num primeiro momento (Zilhão & alii, 1995), sido motivada pela falta de descontinuidade e fraca espessura sedimentar, entretanto detetadas, nos níveis pós-Gravettenses do sítio.

Código	Quadrado	UE	UA	Data convencional	δ ¹³ C* o/oo	CalBP 2σ INTCAL13
Beta-460528	E'18	4	2	9.160±30	-26,3	10.400-10.240
Beta-460529	D'19	4	2	9.220±30	-26,6	10.500-10.260
*Os baixos valores δ ¹³ C foram atribuídos à utilização de plantas C ₃ na combustão (Darden Hood, informação pessoal, 11/04/2017).						

Tabela 1 – Datas radiocarbónicas da Cardina.

Os geométricos deverão ser coevos das datas recentemente obtidas, mas bastante posteriores às referidas lamelas de dorso, que deverão estar relacionadas com uma fase do Magdalenense antigo, atestada por uma data TL de 20.700±1.300 BP proveniente

da base da UE4, e não com uma suposta ocupação do Magdalenense superior ou Azilense (Aubry, 2009, Aubry & alii, 2015).

Nos sítios do Côa, a existência de geométricos, exclusivamente em cristal de rocha e variedades trans-

lúcidas ou leitosas de quartzo filoniano, é conhecida desde de 1995 e foi interpretada como uma das componentes da utensilagem microlítica do final do Tardiglaciário (Aubry, 2001, p. 267). O trapézio em cristal de rocha encontrado no topo da UE3 da sondagem 5 da Quinta da Barca Sul (Aubry, Carvalho & Zilhão, 1997, p. 157) foi comparado aos exemplares de mesma tipologia e módulo, encontrados na escavação de 1991 no Olival da Carneira (Zilhão, 1997, p. 760). Contudo, uma primeira reavaliação dos dados já denunciava a existência de mais do que uma fase caracterizada por geométricos no Vale do Côa (Aubry, 2009, p. 355). As sondagens realizadas em 1997 no sítio de Olga Grande 6 (Figura 1) revelaram, ao lado das raspadeiras, raspadores e denticulados comuns, a existência de geométricos em cristal de rocha (dominando os trapézios, seguidos por triângulos isósceles e segmentos simétricos). A ausência da associação destes geométricos a lamelas de dorso tem claros paralelos com os conjuntos líticos do Mesolítico recente do Vale do Sado (Marchand, 2005; Nukushina, 2005), e, regionalmente, com os do sítio do Prazo, datados de c. 7.500-7.200 BP pelo ^{14}C (c. 8.500-8.000 calBP) (Monteiro-Rodrigues, 2011). Os triângulos retângulos em quartzo da UE3 da Cardina foram relacionados com as cerâmicas neolíticas encontradas na mesma unidade estratigráfica (Aubry & *alii*, 2016).

2.2. Sequência artística

Os trabalhos realizados desde 1995 no Vale do Côa revelaram também a existência de vestígios de arte móvel em diferentes sítios com ocupações humanas do fim do Tardiglaciário (Aubry, 2009). As oitenta e cinco peças gravadas e quatro pintadas do Fariseu aparecem mais uma vez como um elemento fundamental para estabelecer a cronologia das fases artísticas do Vale do Côa. O estudo sistemático dos vestígios de arte móvel do sítio do Fariseu revelou a sua ligação à UE4, justificando-se as exceções por remobilização ou erros de atribuição no campo (Santos & *alii*, no prelo).

A análise morfotécnica e temática dos grafismos figurativos da UE4 revela uma grande homogeneidade das figuras zoomórficas, que se caracterizam pela utilização preferencial da incisão, pelo geometrismo das suas formas, pelo regular preenchimento interno dos seus corpos e pela ausência de detalhes anatómicos. O veado é a espécie mais representada (42,9% das unidades figurativas), a que se segue a

cabra-montês (11%), sendo auroques, cavalos e antropomorfos residuais.

Entre os seixos pintados, as figuras que mais se destacam são os antropomorfos (Figura 3). No caso do seixo de granito (peça 86) a figura humana, associada a um possível cervídeo, apresenta uma forma que evoca as figuras antropomórficas esquemáticas de braços em asa, que ocorrem frequentemente na arte esquemática, usualmente datadas do Neolítico ou do Calcolítico. O contexto estratigráfico destas duas peças constitui um argumento sólido para uma origem finipleistocénica ou do Pré-Boreal para algumas destas formas, sobretudo quando associadas a animais de corpos bojudos, associação que se verifica também na Península Itálica, em contextos *grosso modo* contemporâneos (Dalmeri & *alii*, 2011).

Apesar das limitações relacionadas com os processos sedimentares de vertente, dos quais resulta a UE4, que impedem uma abordagem fina da organização espacial dos vestígios deste sítio, a arte móvel do Fariseu pode ser considerada como homogénea do ponto de vista cronocultural.

As analogias observadas entre as componentes líticas da UE3 da Quinta da Barca Sul e da UE4 do Fariseu não se estendem de forma equivalente aos grafismos sobre suporte móvel. Até ao momento, e tendo escavado aproximadamente a mesma área do Fariseu, apenas se conhece um seixo de xisto da Quinta da Barca Sul, gravado por incisão, em ambas as faces, com motivos exclusivamente lineares e retilíneos, preferencialmente paralelos (García Díez, 2009, p. 376-377).

Durante os trabalhos de 2014 e 2015 na Cardina no topo da unidade estratigráfica 4 foram identificadas várias centenas de fragmentos de placas de xisto da Formação de Desejosa, localizada a mais de 5 quilómetros a jusante do sítio. Este material foi utilizado para a realização de utensílios (projéteis), mas foram também identificados 35 fragmentos de plaquetas e seixos com uma ou ambas as superfícies gravadas com incisões finas ou reiteradas (Aubry & *alii*, 2015), que se vêm juntar a quatro outros exemplares identificados até 2001 (Figura 4). Do ponto de vista estilístico e técnico, este conjunto não é tão homogéneo quanto a série do Fariseu. Um destes fragmentos de xisto da Desejosa, de forma naturalmente triangular (Figura 4, peça nº18), apresenta numa das faces um cervídeo e a garupa de uma outra figura zoomórfica, seguindo as normas estilísticas e técnicas registadas nos exemplares de arte móvel da

UE4 do Fariseu. Outros, no entanto, apresentam figuras que pelas suas características técnicas e estilísticas poderão ser mais antigas, destacando-se a este nível a cérvico-dorsal de equídeo da peça nº30, cuja morfologia curvilínea e a utilização da incisão reiterada podem denunciar a sua execução em datas mais recuadas (Figura 4, peça nº30). O conjunto da arte móvel da U.E. 4 da Cardina poderá, tal como o seu conjunto lítico, ser constituído por peças datadas de diferentes momentos do Paleolítico Superior e do Pré-Boreal.

3. O VALE DO CÔA NO CONTEXTO TARDIGLACIAR E PRÉ-BOREAL

3.1. Indústrias líticas

Os dados relativos às modalidades técnicas e os tipos de utensílios estabelecidos nos sítios do Côa revelam a existência de uma fase caracterizada por pontas de tipo azilense (Figura 2 nº11-14), em contextos datados por luminescência e ^{14}C de 11,5-12,5 ka, isto é, do Dryas recente. A tipologia de algumas das pontas de dorso curvo (tipo 1 de Célérier, 1993), a modalidade de obtenção dos respetivos suportes lamelares (Zilhão, 1995; Gameiro, 2012), as matérias-primas utilizadas (sobretudo locais e regionais), o retoque marginal das raras lamelas de dorso e a presença de raros geométricos apresentam fortes semelhanças com as características das indústrias líticas da fase recente do Azilense recente da zona cantábrica (Aura & alii, 1998, Fernández-Tresguerres Velascos, 2006), dos Pirenéus (Barbaza, 2008; Barbaza & Lacombe, 2005, Martzluff, 2009) e do Sul da Loire, em França (Célérier, 1993; Fat Cheung & alii, 2014, Valentin & Hantaï, 2005).

As pontas azilenses do tipo 1 de Célérier (1993) exumadas no Fariseu e na Quinta da Barca Sul estão também atestadas no Centro de Portugal. Aparecem juntamente com raspadeiras sobre lasca e unguiformes, bem como com lamelas de retoque marginal, no sítio de Bairrada (Zilhão, 1997, p. 299) e no Abrigo Grande das Bocas (Bicho, 1993), com datas ^{14}C (10.110±90 BP [ICEN-901], 9.880±220 [ICEN-900], 10.260±70 BP [ICEN-903]), estatisticamente equivalentes às obtidas para a UE4 do Fariseu. A ausência de trapézios nesta unidade do Fariseu, a raridade deste tipo de geométricos na Cardina e a proximidade da UE2 da Quinta da Barca Sul, que forneceu restos de cerâmica manual, autorizam a questionar a associação do trapézio exumado no

topo da UE3 da sondagem 5 com o resto da indústria lítica da camada 3. Porém, este tipo de utensílio existe junto com retângulos/lâminas retocadas bitruncadas e pontas de Malaurie nos conjuntos do Laboriense recente, com datas que apontam para o Pré-Boreal (Fat Cheung & alii, 2014, Langlais & alii, 2015). Considerando a presença de trapézios e de pontas de Malaurie na escavação recente do sítio do Olival da Carneira (Zilhão, 1995), datado por TL de 10-11 ka, o exemplar da Quinta da Barca Sul não é incompatível com o contexto cronológico em questão. Nos sítios do Vale do Côa, como no resto do território português, não foi encontrada qualquer bi-ponta azilense, elemento considerado como característico da fase antiga do Azilense (Célérier, 1993; Fernández-Tresguerres Velascos, 2006; Fat Cheung & alii, 2014). A sua ausência no Côa pode resultar de um constrangimento na disponibilidade de matéria-prima de qualidade, que permitisse a produção dos suportes laminares destas pontas. Por outro lado, como sugerido pelos dados disponíveis nos sítios da Lapa dos Coelhos (Camada 4), Abrigo I do Vale dos Covões (Camada 5 a 7) e Cabeço de Porto Marinho IIIS (nível médio), durante o desenvolvimento do Azilense antigo em França e no Norte da Espanha (c. 12.500-11.500 BP), o Centro de Portugal poderia ser caracterizado por pontas de dorso rectilíneo ou de tipo *microgravette*.

Estes tipos de utensílios não foram, contudo, exumados nos sítios escavados no Vale do Côa, e a única lamela de dorso da UE6b do Fariseu, coeva desta cronologia pela sua datação TL e OSL, é atípica.

Ao contrário do observado na Estremadura Portuguesa (Zilhão, 1995, 1997), os trabalhos desenvolvidos no Vale do Côa não evidenciaram qualquer ponta de tipo Malaurie, tipo característico da fase Laboriense, que sucede diretamente ao Azilense em França. Este facto, já observado em algumas regiões dos Pirenéus, onde o sílex está ausente ou é raro (Martzluff, 2009), poderia sugerir uma possível perduração da tecnologia lítica do Azilense recente no início do Pré-Boreal.

As duas datas ^{14}C sobre osso cremado para o topo da UE4 da Cardina, agora apresentadas (Tabela 1), demonstram a ocupação do sítio durante o Pré-Boreal. O material lítico da Cardina não encontra paralelos nos sítios do Centro e Sul de Portugal (Araújo, 2012), mas aproxima-se dos contextos com segmentos e triângulos do Pré-Boreal, descritos como *Sauveterrien* ou *Epiazilien*, no Sul de França, Pirenéus

(Barbaza & Valdeyron, 1991; Valdeyron, 1994,) Catalunha (Aura & *alii*, 1998) e Itália (Lo Vetro & Martini, 2016).

As duas datas obtidas por ^{14}C sobre carvões vegetais para a camada 5a do sítio do Prazo (9.410 ± 70 [GrA-15861] e 9.525 ± 70 [Ua-20495]) confirmam uma ocupação do sítio durante o Pré-Boreal (Monteiro-Rodrigues, 2011, p. 150). A indústria lítica deste nível, apelidado de epipaleolítico, assim como de Mesolítico antigo, é descrita como “tendencialmente microlítica sem geométricos” (Monteiro-Rodrigues, Figueiral & López Sáez, 2008, p. 98).

3.2. Arte no fim do Tardiglacial e no Pré-Boreal

Devido ao seu claro contexto estratigráfico, o conjunto de arte móvel do Fariseu é um importante referencial para a atribuição cronológica de uma grande parte da arte parietal do Vale do Côa. As semelhanças técnicas e morfológicas entre as unidades gráficas figurativas da arte móvel do Fariseu e uma parte considerável das que se encontram nas superfícies rochosas da região podem ser demonstradas pelas análises de correspondências múltiplas e subsequentes classificações hierárquicas ascendentes efetuadas sobre amostragens que integravam motivos da arte parietal (em gruta e ao ar livre) e móvel da Meseta norte (Santos, 2017: vol. I, pp. 129-164).

Fica por esclarecer o facto da Quinta da Barca Sul, com uma ocupação coeva do Fariseu, apresentar apenas um exemplar de arte móvel não figurativo. Esse facto poderá estar relacionado com a distinta natureza do suporte rochoso (formação de Desejosa *versus* formação de Rio Pinhão), que determina igualmente a inexistência de arte parietal nesta formação, com a distinta natureza funcional dos sítios, ou com razões de natureza indeterminada.

O mesmo estilo gráfico do Fariseu surge também na UE4 da Cardina, apesar das diferenças nas indústrias líticas (Figura 4). Isto, no entanto, está em conformidade com o que se verifica em todo o sudoeste europeu, onde em diferentes contextos industriais do período entre c. 13.750 calBP e o Pré-Boreal, se observa uma mesma forma de construir as unidades gráficas figurativas. Esta unidade estilística está por trás de uma série de designações que caracterizam este tipo de arte no seu conjunto: “estilo V”, “arte pós-magdalense”, “arte azilense figurativa” ou “arte epipaleolítica” (v.g. Beltrán, 1987; 1989; 1990; Roussot, 1990; Lorblanchet, 1990; Guy, 1993; 1997; D’Errico, 1994; Bueno, Balbín & Alcolea, 2007).

Por outro lado, a arte móvel do Fariseu vem reforçar as propostas de uma cronologia coeva para pinturas do Vale do Côa, como os bovídeos da rocha 1 da Faia ou o grande antropomorfo da rocha 3 do mesmo sítio (Bueno, Balbín & Alcolea, 2007, p.567-568), usualmente datados do Neolítico (Baptista, 1999, p.158), a que juntamos os da rocha 5 da Faia e alguns painéis da rocha 3 do Vale de Figueira.

Esta fase Azilense da arte do Côa, datada a partir do Fariseu, tem vindo a ser igualmente identificada em outras áreas da bacia do Douro (Bueno, Balbín & Alcolea, 2007). A homogeneidade relativa deste conjunto gráfico, assim como a sua clara distinção relativamente aos que o precedem foi, entretanto, confirmada estatisticamente pelas análises fatoriais realizadas (Santos, 2017, p. 129-199, 245-250). A par da distinção morfo-estilística relativamente à arte rupestre de períodos anteriores, observa-se igualmente uma profunda cesura no que à temática diz respeito. Assim, se desde o Gravettense até ao final do Magdalense, a temática é sempre dominada pelo par auroque/cavalo, a que se segue a cabra-montês e muito atrás o veado, a partir do Azilense observa-se um domínio massivo do veado sobre todas as outras espécies, tal como a coleção da arte móvel do Fariseu ilustra de forma tão elucidativa.

4. INTERPRETAÇÃO E PERSPETIVAS

Os resultados obtidos recentemente na Cardina confirmam que as sequências pedossedimentares tardiglacial são em grande parte afetadas por uma diminuição drástica da taxa de sedimentação que dificultam a distinção das fases de ocupação humana, que acabam por se acumular em escassos centímetros.

Apesar desta limitação, a juntar à clássica ausência de indústria em osso, os dados do Côa, baseados na tipologia lítica, arte móvel e datações radiométricas permitem propor uma sequência crono-cultural coeva da transição Pleistoceno/Holoceno (Figura 5).

A convenção terminológica e o faseamento crono-cultural vigentes não postulam a existência do Azilense em território português. Contudo, como já referimos, este facto é relacionável com a tradição da investigação e sobretudo com a ausência de abundante indústria óssea. Paralelamente, noutras regiões do Sudoeste Europeu, a revisão de alguns contextos tem levado à identificação de uma tradição técnica Azilense que, por exemplo na Bacia Parisiense, pode ser contemporânea de clássicos con-

textos Magdalenenses ainda durante o Bölling (Mével, 2010). Assim sendo, e com base nas evidências tecnológicas identificadas, defendemos a utilização do termo Azilense (à semelhança da nomenclatura para outros tecnocomplexos do Paleolítico) para contextos que incluam as pontas de dorso curvo ou a arte com as convenções morfo-estilísticas estabelecida no conjunto de arte móvel da camada 4 do Fari-seu (Santos & *alii*, no prelo).

Neste momento, a existência do Azilense antigo não pode ser provada. Contudo, a existência de um Azilense recente no Vale do Côa encontra-se demonstrada na UE3 da Quinta da Barca Sul e UE4 do Fari-seu. Os conjuntos estremenhos do Abrigo das Bocas e do sítio da Bairrada (Zilhão, 1997) podem, igualmente, testemunhar ocupação durante esta fase. Tradicionalmente têm sido incluídos no Magdalenense final fácies Carneira, mas Zilhão (1995, p. 731) refere a existência de trapézios, associados a pontas de Malaurie, em Carneira II e Olival de Carneira, atribuídos ao Laboriense no sul de França. Com a exceção do trapézio da UE4 da Quinta da Barca Sul, esta fase não se encontra documentada no Vale do Côa, podendo tal dever-se a uma limitação no acesso a matérias-primas de qualidade.

As datas do topo da UE4 da Cardina, a que associamos os segmentos de cristal de rocha, documentam uma ocupação do sítio durante o Pré-Boreal, apelidada de *Sauveterrien* no sul da Europa (Figuras 2, 5). Esta fase não se encontra documentada na Estremadura portuguesa, denunciando, uma vez mais, uma relação preferencial entre a Meseta Norte e a zona franco-cantábrica. O Mesolítico antigo surge datado regionalmente na U5 do Prazo (c. 8.500 BP), a que se sucede um Mesolítico recente na U4a (c. 7.500 BP), que corresponde à ocupação da Olga Grande 6.

Apesar de algumas diferenças e incertezas, o Vale do Côa vem contribuir para a discussão acerca do final do Paleolítico Superior, continuando a demonstrar uma forte densidade de sítios e uma continuidade na ocupação humana por sociedades com economias semelhantes. A grande diferença parece residir num constrangimento da extensão geográfica da rede definida pela proveniência de sílex e silcretos exóticos, passando os grupos humanos a depender mais fortemente das matérias-primas locais e regionais (Aubry & *alii*, 2012, 2016). Não deixa de ser significativo que todos os geométricos identificados no Vale do Côa tenham sido produzidos sobre cristal de rocha e outras silicificações locais. Por outro lado, a

arte rupestre coeva (parietal e móvel) denuncia a inserção cultural destas comunidades numa rede que se estende por todo o Sudoeste europeu. As semelhanças observadas na evolução das indústrias líticas ao longo da transição Dryas recente / Pré-Boreal denunciam um grande paralelismo entre esta zona da Península e a região franco-cantábrica. Se esta relação preferencial apenas com o norte não se repercute na arte rupestre coeva (uma vez que este tipo de arte se encontra também no sul e sudeste peninsulares), não deixa de ser significativo que, entre o Solutrense superior e o final do Magdalenense, seja na região franco-cantábrica que encontramos os melhores e mais numerosos paralelos para a arte rupestre do Vale do Côa (Santos, 2017, p. 212-244).

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Francisco, dir. (2013) – Testemunhos do Paleolítico no Regolho de Alqueva. *Resultados do Bloco 1 do Plano de Minimização de impactes sobre o Património Arqueológico*. Beja: EDIA.

ARAÚJO, Ana Cristina (2012) – *Une histoire des premières communautés mésolithiques au Portugal*. [Tese de Doutoramento, Université de Paris I – Panthéon-Sorbonne. Exemplar policopiado].

AUBRY, Thierry; CARVALHO, António Faustino; ZILHÃO, João (1997) – Arqueologia. In ZILHÃO, J., ed. – *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa: Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 74-209.

AUBRY, Thierry; DIMUCCIO, Luca Antonio; ALMEIDA, Miguel; NEVES, Maria João; ANGELUCCI, Diego; CUNHA, Lúcio (2011) – Palaeoenvironmental forcing during the Middle-Upper Palaeolithic transition in central-western Portugal. *Quaternary Research*. 75, pp. 66-79. doi:10.1016/j.yqres.2010.11.002

AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; MANGADO, Javier; MATIAS, Henrique (2012) – We will be known by the tracks we leave behind: Exotic lithic raw materials, mobility and social networking among the Côa Valley foragers (Portugal). *Journal of Anthropological Archaeology*. 31, pp. 528-550. doi:10.1016/j.jaa.2012.05.003

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António Fernando; GAMEIRO, Cristina; LUÍS, Luís; MATIAS, Henrique; SANTOS, André Tomás; SILVESTRE, Marcelo (2015) – De regresso à Cardina 13 anos depois: resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos de 2014 no Vale do Côa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 18, pp. 5-26.

AUBRY, Thierry; GAMEIRO, Cristina; MANGADO LLA-CH, Javier; LUÍS, Luís; MATIAS, Henrique; PEREIRO, Tiago (2016) – Upper Palaeolithic lithic raw material sourcing in Central and Northern Portugal as an aid to reconstruct-

ing hunter-gatherer societies. *Journal of Lithic Studies*. 3. doi:10.2218/jls.v3i2.1436.

AUBRY, Thierry (2001) – L'occupation de la basse vallée du Côa pendant le Paléolithique supérieur. In ZILHÃO, João; AUBRY, Thierry; CARVALHO, António Faustino (Eds.) – *Les Premiers. Hommes Modernes de La Péninsule Ibérique (Actes du Colloque de la Commission VIII de l'UISPP. Vila Nova de Foz Côa, 22-24 Octobre 1998)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 253-273.

AUBRY, Thierry (2002) – Le contexte archéologique de l'art paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa. In SACCHI, Dominique, ed. – *L'art Paléolithique À L'air Libre: Le Paysage Modifié Par L'image (Tautavel, Campôme, 7-9 Octobre 1999)*. Saint-Estève: GAEP; GÉOPRE, pp. 25-38.

AUBRY, Thierry, ed. (2009) – 200 séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico. Lisboa: IGESPAR (*Trabalhos de Arqueologia*; 52).

AURA TORTOSA, J Emili; VILLAVARDE, Valentin; GONZÁLEZ MORALES, Manuel; GONZÁLES SAINZ, César; ZILHÃO, João; STRAUS, Lawrence Guy (1998) – The Pleistocene-Holocene transition in the Iberian Peninsula: continuity and Changes in human adaptations. *Quaternary International*. 49/50, pp. 87-103.

BAPTISTA, António Martinho (1999) – *No tempo sem tempo: A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa: Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.

BARBAZA, Michel (2008) – Les industries des couches 10 à 8 de la Balma de la Margineda en Andorre. Des données fondamentales pour une approche de l'Azilien pyrénéen. In GUILAINE, Jean; BARBAZA, Michel; MARTZLUFF, Michel eds – *Les excavacions a la Balma de la Margineda*, vol. 4. Edicions del Govern d'Andorra. Andorra la Vella, pp. 596-598.

BARBAZA, Michel; LACOMBE, Sébastien (2005) – L'Azilien des Pyrénées: une culture originale. In JAUBERT Jean., BARBAZA Michel, eds. *Terres et hommes du Sud. Territoires, déplacements, mobilité, échanges durant la Préhistoire. (Actes du Colloque du 126^{ème} congrès du C.T.H.S. Toulouse, 2002)*.

BELTRÁN MARTINEZ, Antonio (1987) – Arte rupestre prehistórico: Crisis de los sistemas tradicionales, In *Arte rupestre en España*, Madrid, Zugarto Ediciones, S. A., pp. 16-18.

BELTRÁN MARTINEZ, Antonio (1989) – Perduración en el arte prehistórico del “estilo paleolítico” durante el Mesolítico y los posibles enlaces el “levantino”, In Colóquio Internacional de Arte Pré-histórica – Nos 25 anos da Gruta do Escoural, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo (*Almansor*, 7), pp. 125-166.

BELTRÁN MARTINEZ, Antonio (1990) – Réflexions sur l'art mobilier du Magdalénien final et Azilien, et le supposé hiatus entre l'art paléolithique, l'art mésolithique et l'art pariétal du Levant espagnol. In CLOTTE, Jean (Dir. de), *L'art des objets au Paléolithique. Colloque international. Foix – Le Mas d'Azil. 16-21 novembre 1987, 1: L'art mobilier et son contexte*, Paris, Ministère de la Culture, de la Communication, des Grands Travaux et du Bicentenaire, pp. 101-103.

BICHO, Nuno (1993) – O Paleolítico Superior final de Rio Maior: perspectiv tecnológica. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 33, 3-4, pp. 15-36.

BICHO, Nuno (1994) – The end of the Palaeolithic and the Mesolithic in Portugal. *Current Anthropology*. 35 (5), pp. 664-674.

BICHO, Nuno (1997) – Spatial, technological, and economic organization after the Last Glacial Maximum in Portuguese Prehistory. In FULLOLA, J.; SOLER, N. Eds. – *El món mediterrani després del pleniglacial* (18 000-12 000). Girona: Museu d'Arqueologia de Catalunya, pp. 213-223.

BICHO, Nuno (2000) – Technological change in the final Upper Palaeolithic of Rio Maior. *Tomar: ARKEOS*. 8.

BREUIL, Henri, (1913) – *Les Subdivisions du paléolithique supérieur et leur signification*. In *Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques – compte-rendu de la XIV^{ème} session*, Genève, 1912, tome 1, Ed Albert Kündig, pp. 165-238.

BUENO RAMIREZ, Primitiva, BALBIN BEHRMANN, Rodrigo de, ALCOLEA GONZALEZ, José Javier (2007) – Style V dans le bassin du Douro. *L'Anthropologie*. 111, pp. 549-589. doi:10.1016/j.anthro.2007.07.003

CÉLÉRIER, Guy (1993) – L'abri-sous-roche de Pont d'Ambron à Bourdeilles (Dordogne). I : Technologie de l'outillage lithique taillé ; II : Inventaire et typométrie des pointes aziliennes, *Gallia Préhistoire*. 35, pp. 1-98.

D'ERRICO, Francesco (1994) – L'art gravé azilien. De la technique à la signification, Paris: Éditions du CNRS (*Gallia préhistoire*, XXXe supplément).

DALMERI, Giampaolo; NERI, Stefano; BASSETTI, Michele; CUSINATO, Anna; KOMPATSCHER, Klaus; KOMPATSCHER, Maria Hrozny. (2011) – Riparo Dalmeri: le pietre dipinte dell'area rituale, *Preistoria Alpina*. 45, pp. 67-117.

ÉVORA, Marina (2007) – *Utilização óssea do Paleolítico Superior português*. [Tese de Mestrado defendida na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve].

FAT CHEUNG, Célia; CHEVALLIER, Aude; BONNET-JACQUEMENT, Peggy; LANGLAIS, Mathieu; FERRIÉ, Jean-Georges; COSTAMAGNO, Sandrine; KUNTZ, Delphine; LAROULANDIE, Véronique; MALLYE, Jean-Baptiste; BALLISTA, Sophie (2014) – Comparaison des séquences aziliennes entre Dordogne et Pyrénées: état des

- travaux en cours. In LANGLAIS, Mathieu, NAUDINOT, Nicolas & PERESANI, Marco Eds. – Les groupes culturels de la transition Pléistocène-Holocène entre Atlantique et Adriatique, Paris: Société Préhistorique Française (*Séances de la Société Préhistorique Française*, 3), pp. 17-44.
- FERNÁNDEZ-TRESGUERRES VELASCOS, Juan (2006) – El Aziliense de la región cantábrica. *Zephyrus: Revista de prehistoria y arqueología*. 59, pp. 163-180.
- GAMEIRO, Cristina (2009) – Utensílios e suportes micro-líticos do Magdalenense final no Vale do Côa: o exemplo da U.E. 4 do Fariseu. In AUBRY, T., ed. – 200 séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico. Lisboa: IGESPAR (*Trabalhos de Arqueologia*; 52), pp. 256-268.
- GAMEIRO, Cristina (2012) – *La variabilité régionale des industries lithiques de la fin du Paléolithique Supérieur au Portugal*. [Tese de Doutoramento, Université de Paris I – Panthéon-Sorbonne. Exemplar policopiado].
- GAMEIRO, Cristina; AUBRY, Thierry; ALMEIDA, Francisco (2013) – A variabilidade regional das indústrias líticas do final do Paleolítico Superior em Portugal. In *Arqueologia em Portugal: 150 anos*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 277-287.
- GARCÍA DÍEZ, Marcos (2009) – Grafismo mueble: las estaciones de Fariseu, Quinta da Barca Sul y Cardina I. In AUBRY, T., ed. – 200 séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico. Lisboa: IGESPAR (*Trabalhos de Arqueologia*; 52), pp. 373-382.
- GOURY, Georges (1931) – *L'Homme des cités lacustres*. Paris: Picard.
- GUY, Emmanuel (1993) – Enquête stylistique sur l'expression figurative épipaléolithique en France: de la forme au concept. *Paléo*. 5, pp. 333-373.
- GUY, Emmanuel (1997) – Enquête stylistique sur cinq composants de la figuration épipaléolithique en France, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 94 (3), pp. 309-314.
- HELENO, Manuel (1944) – *O problema Capsense: contribuição portuguesa para a sua revisão*. Comunicação ao Instituto de Arqueologia na sessão de Abril de 1944. Lisboa.
- HOCKETT, Brian; BICHO, Nuno (2000) – The rabbits of Picareiro cave: small mammal hunting during the late upper Palaeolithic of the Portuguese Estremadura. *Journal of Archaeological Science*. 27, pp. 715-723.
- LANGLAIS, Mathieu; LAROULANDIE, Véronique; JACQUIER, Jérémie; COSTAMAGNO, Sandrine; CHALARD, Pierre; MALLYE, Jean-Baptiste; PETILLON, Jean-Marc; RIGAUD, Solange; ROYER, Aurélien; SITZIA, Luca; COCHARD, David; DAYET, Laure; FAT CHEUNG, Céilia; LE GALL, Olivier; QUEFFELEC Alain; LACRAMPE-CUYAUBERE, François (2015) – Le Laborien récent de la grotte-abri de Peyrazet (Creysse, Lot, France). Nouvelles données pour la fin du Tardiglaciaire en Quercy. *Paléo*. 26, pp. 79-116.
- LLOVERAS, Luis; MORENO-GARCIA, Marta; NADAL, Jordi; ZILHÃO, João (2011) – Who brought in the rabbits? Taphonomical analyses of Mousterian and Solutrean leporid accumulations from Gruta do Caldeirão (Tomar, Portugal). *Journal of Archaeological Science*. 38, pp. 2434-2449.
- LO VETRO, DOMINICO; MARTINI, Fabio (2016) – Mesolithic in Central-Southern Italy: Overview of lithic productions. *Quaternary International*. 423, pp. 279-302.
- LORBLANCHET, Michel (1989) – De l'art naturaliste des chasseurs de rennes à l'art géométrique du Mésolithique dans le Sud de la France”, In Colóquio Internacional de Arte Pré-histórica – Nos 25 anos da Gruta do Escoural, Montemor-o-Novo: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo [*Almansor*, 7], pp. 95-124.
- MARCHAND, Grégor (2005) – Interpretar as mudanças dos sistemas do Mesolítico Final em Portugal. *O Arqueólogo Português*. 23, pp. 171-196.
- MARKS, Anthony; MISHOE, Marie-Blanche (1997) – The Magdalenian of Portuguese Estremadura. In FULLOLA, José Maria; SOLER, Narcis, eds. – *El món mediterrani després del pleniglacial (18 000-12 000)*. Girona: Museu d'Arqueologia de Catalunya, pp. 225-232.
- MARTZLUFF, Michel (2009) – L'Azilien pyrénéen entre Garonne et Èbre: un état de la question. In FULLOLA, José Maria; VALDEYRON, Nicolas; LANGLAIS, Mathieu; eds. – *Els Pirineus i les àrees circumdants durante el Tardiglacial. Mutacion i filiacions tecnoculturals, evolució paleoambiental. (XIV Col·loqui internacional d'arqueologia de Puigcerda)*. pp. 375-422.
- MENDONÇA, Carolina (2009) – *A tecnologia lítica no Tardiglacial do Algarve*. [Tese de Mestrado defendida na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve].
- MERCIER, Nicolas; VALLADAS, Hélène; AUBRY, Thierry; ZILHÃO, João; JORONS, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis; SELLAMI, Farid (2006) – Fariseu: First confirmed open-air Palaeolithic parietal art site in the Côa Valley (Portugal). *Antiquity*. 80.
- MEVEL, Ludovic (2010) – *Des sociétés en mouvement: nouvelles données sur l'évolution des comportements techno-économiques des sociétés magdaléniennes et aziliennes des Alpes du nord françaises (14 000-11000 BP)*. [Tese de doutoramento defendida na Université de Paris Ouest Nanterre-La Defense].
- MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio; FIGUEIRAL, Isabel; LÓPEZ SÁEZ, José António (2008) – Indicadores paleoambientais e estratégias de subsistência no sítio pré-histórico do Prazo (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa, Norte de Portugal). In SANTOS, André Tomás, SAMPAIO, Jorge,

- eds. – *Pré-História: Gestos Intemporais. (III Congresso de Arqueologia de Trás-Os-Montes, Alto Douro E Beira Interior: Actas Das Sessões; Vol. 1)*. Porto: ACDR de Freixo de Numão, pp. 96-119.
- MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2011) – Pensar o Neolítico Antigo: Contributo para o Estudo do Norte de Portugal entre os VII e o V Milénios a.C. Centro de Estudos Pré-históricos da Beira (*Estudos Pré-históricos*; 16), Viseu.
- NUKUSHINA, Diana (2005) – *Tecno-tipologia lítica e cronometria no Mesolítico final do vale do Sado. O caso do concheiro das Amoreiras (Alcácer do Sal)*. [Tese de Mestrado em Arqueologia, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História. Exemplar policopiado].
- PIETTE, Édouard (1889) – *Les subdivisions de l'époque magdalénienne et de l'époque néolithique*. Angers: Imp. Burdin et Ce.
- REBOUX, Jules (1873) – Des trois époques de la pierre. *Bulletin de la Société d'anthropologie de Paris*. 8 (1), pp. 523-531.
- ROUSSOT, Alain (1990) – Art mobilier et pariétal du Périgord et de la Gironde: comparaisons stylistiques”, in CLOTTE, Jean Ed., *L'art des objets au Paléolithique. Colloque international. Foix – Le Mas-d'Azil. 16-21 novembre 1987, 1: L'art mobilier et son contexte*, Paris: Ministère de la Culture, de la Communication, des Grands Travaux et du Bicentenaire, pp. 188-202.
- SANTOS, André Tomás (2012) – Reflexões sobre a arte paleolítica do Côa: a propósito da superação de uma persistente dicotomia conceptual. In SANCHES, Maria de Jesus, ed. – Atas da 1ª Mesa-Redonda: Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História: Paradigmas e Metodologias de Registo. Lisboa: DGPC (*Trabalhos de Arqueologia*; 54), pp. 39-68.
- SANTOS, André Tomás (2017) – *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto* [Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Exemplar policopiado].
- SANTOS, André Tomás; BARBOSA, António; AUBRY, Thierry; GARCÍA DIEZ, Marcos, SAMPAIO, Jorge Davide (np) – Arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova Foz Côa). *Portugália*.
- SELLAMI, Farid (2009) – Les données de la séquence stratigraphique du site de Fariseu: processus de déposition et d'érosion des dépôts en limite de la plaine alluviale de la Vallée du Côa. In AUBRY, Thierry, ed. – 200 séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico. Lisboa: IGESPAR (*Trabalhos de Arqueologia*; 52), pp. 103-108.
- SONNEVILLE-BORDES, Denise (1960) – *Le Paléolithique supérieur en Périgord*. Bordeaux: Ed. Delmas.
- VALDEYRON, Nicolas (1994) – *Le Sauveterrien: cultures et sociétés mésolithiques dans la France du Sud durant les XX^e et IX^e millénaires BP*. [Tese de Doutoramento da Universidade de Toulouse-Le-Mirail. Exemplar policopiado].
- VALENTIN, Boris; HANTAÏ, Anna (2005) – Transformation de l'industrie lithique pendant l'Azilien. Etude des niveaux 3 et 4 du Bois-Ragot. In CHOLLET, A., ed. – *La Grotte du Bois-Ragot à Gouex (Vienne) – Magdalénien et Azilien – Essais sur les hommes et leur environnement*. Paris: Société Préhistorique Française, pp. 89-182.
- VALLADAS, Hélène; MERCIER, Norbert; FROGET, Laurence; JORONS, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis; AUBRY, Thierry (2001) – TL dating of Upper Palaeolithic sites in the Coa Valley (Portugal). *Quaternary Science Reviews*. 20, pp. 939-943.
- VIALOU, Denis, dir. (2004) – *La préhistoire: Histoire et dictionnaire*. Robert Laffont, Paris.
- ZILHÃO, João; ALMEIDA, Francisco; AUBRY, Thierry; CARVALHO, António Faustino; ZAMBUJO, Gertrudes (1995) – O sítio arqueológico paleolítico do Salto do Boi (Cardina, Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 35, pp. 471-497.
- ZILHÃO, João (1997) – *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*. Lisboa: Ed. Colibri.
- ZILHÃO, João (1997a) – The Paleolithic settlement of Portuguese Estremadura after the last glacial maximum. In FULLOLA, José Maria; SOLER, Narcis Eds. – *El món mediterrani després del pleniglacial (18 000-12 000)*. Girona: Museu d'Arqueologia de Catalunya, pp. 233-242.

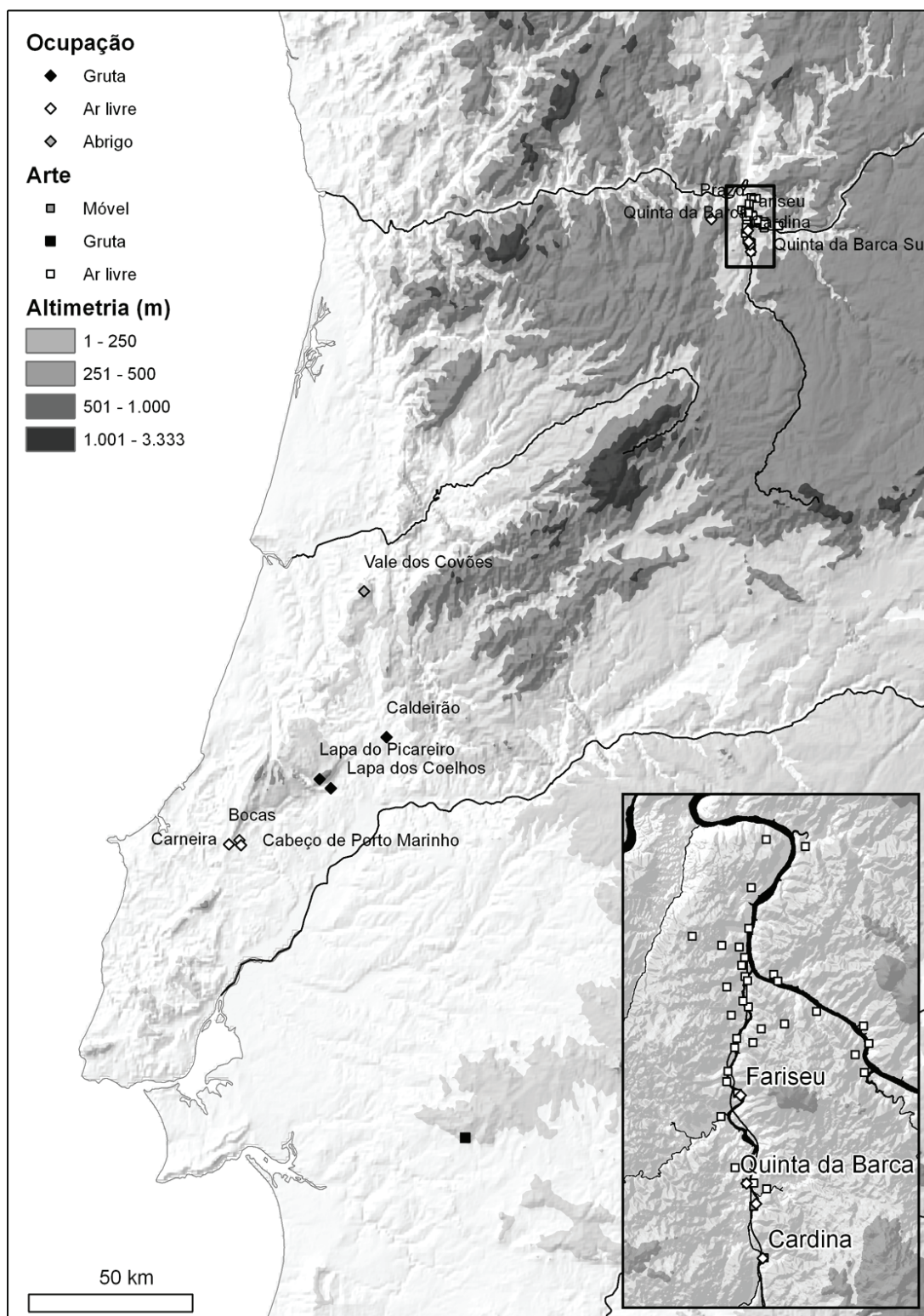


Figura 1 – Localização dos sítios citados no texto.

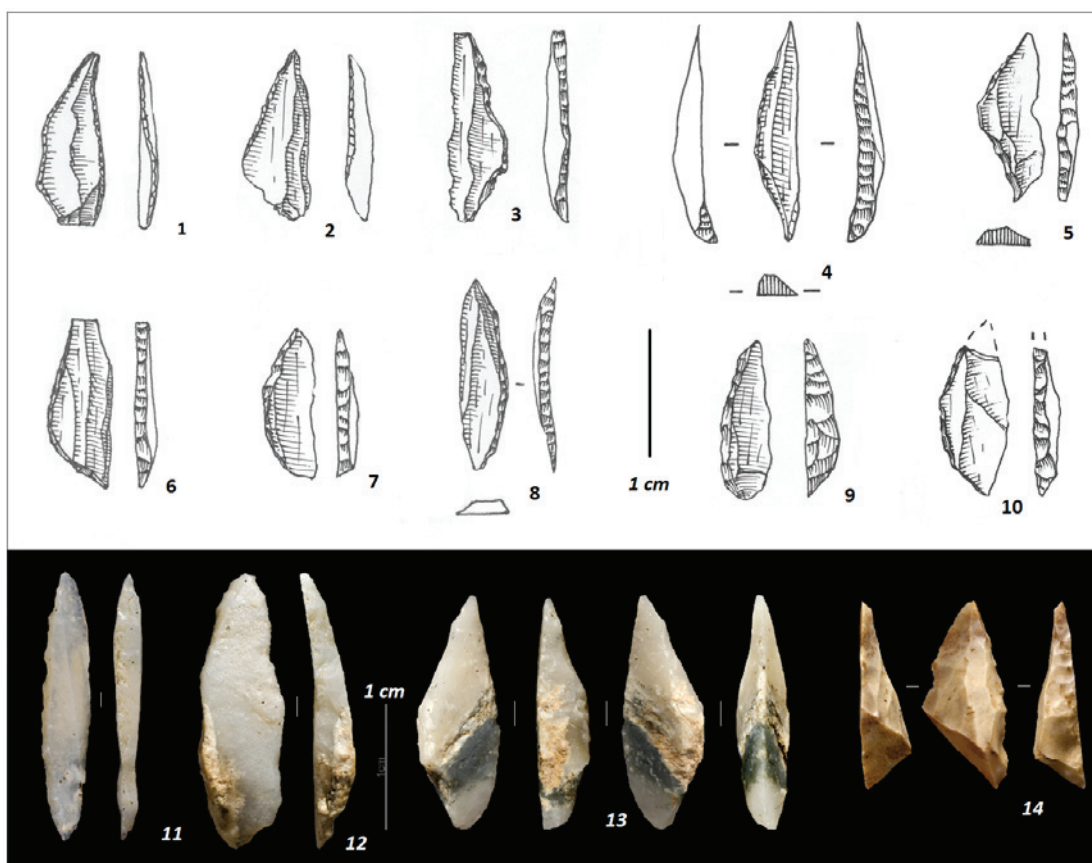


Figura 2 – Lamelas de dorso marginal e geométricos em cristal de rocha provenientes do topo da UE4 da Cardina I (nº1-10), tipos de pontas de dorso da UE 4 do Fariseu (nº11-14) (fotos José Paulo Ruas).

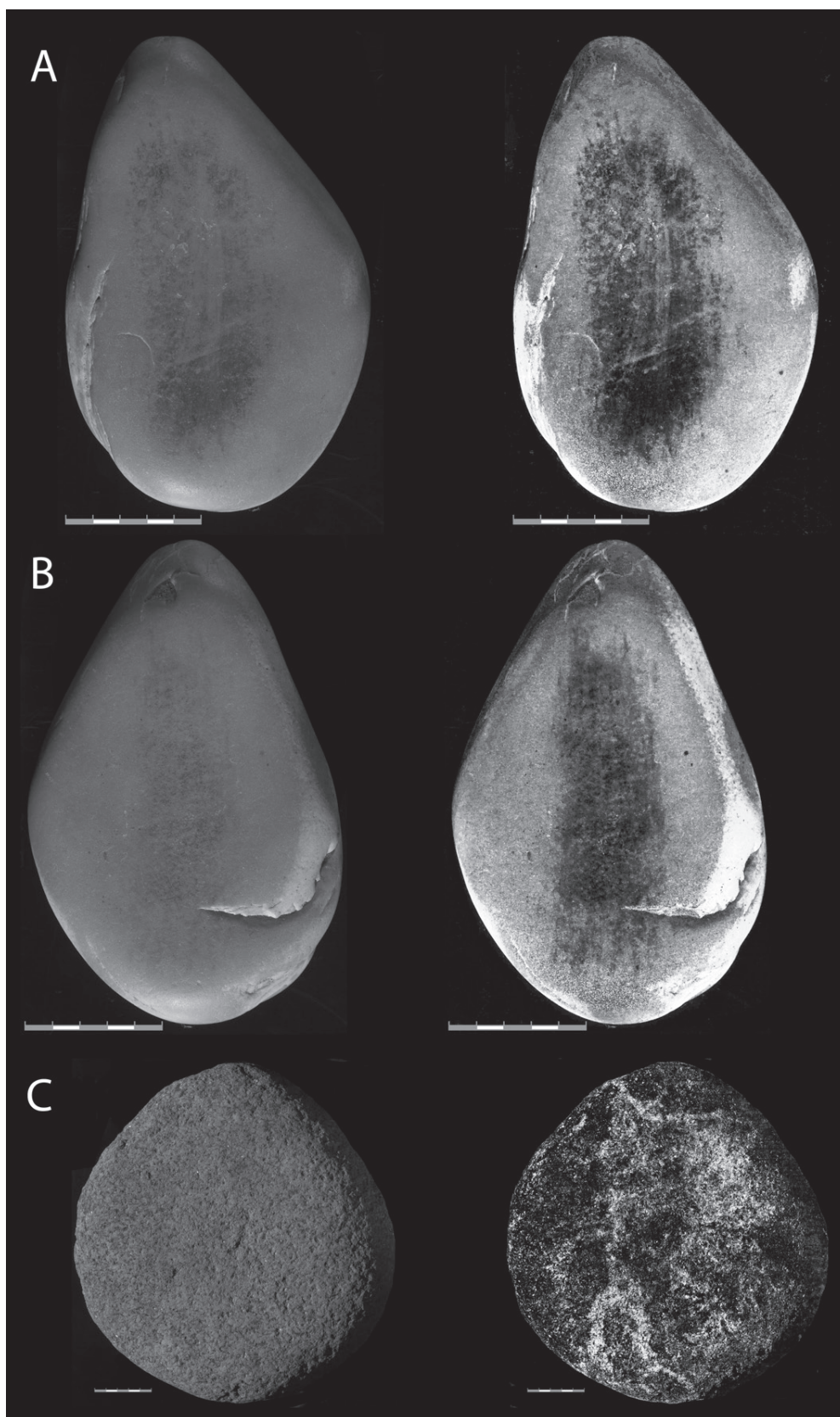


Figura 3 – Seixos pintados em quartzito (A e B duas faces da mesma peça) e em granito (C) com motivos antropomorfos e zoomórficos, ambos provenientes da camada 4 do sítio do Fariseu. As imagens da direita foram tratadas com o programa D-Streht.

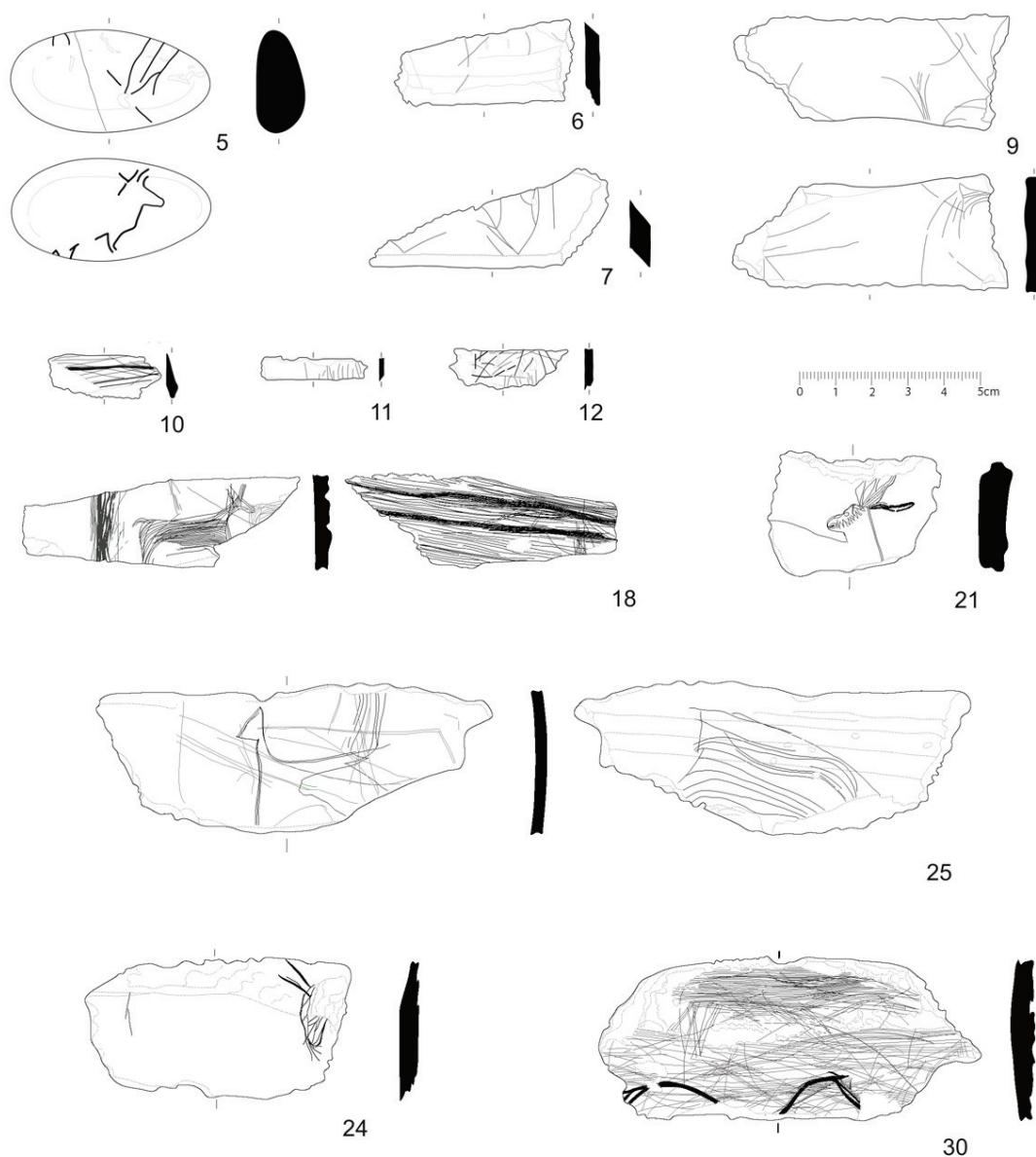


Figura 4 – Arte móvel da camada 4 do sítio da Cardina I. N.º inv. 5 – Unidade Estratigráfica 4, Unidade Artificial 5; n.º 6 – UE4 UA3; n.º 7 – UE4 UA 1; n.º 9 – UE4 UA1; n.º 10 – UE4 UA 3; n.º 11 – UE4 UA3; n.º 12 – UE4 UA2; n.º 18 – UE4 UA2; n.º 21 – UE4 UA2; n.º 25 – UE4 UA4; n.º 24 – UE4 UA2; n.º 30 – UE4 UA1 (desenhos F. Barbosa).

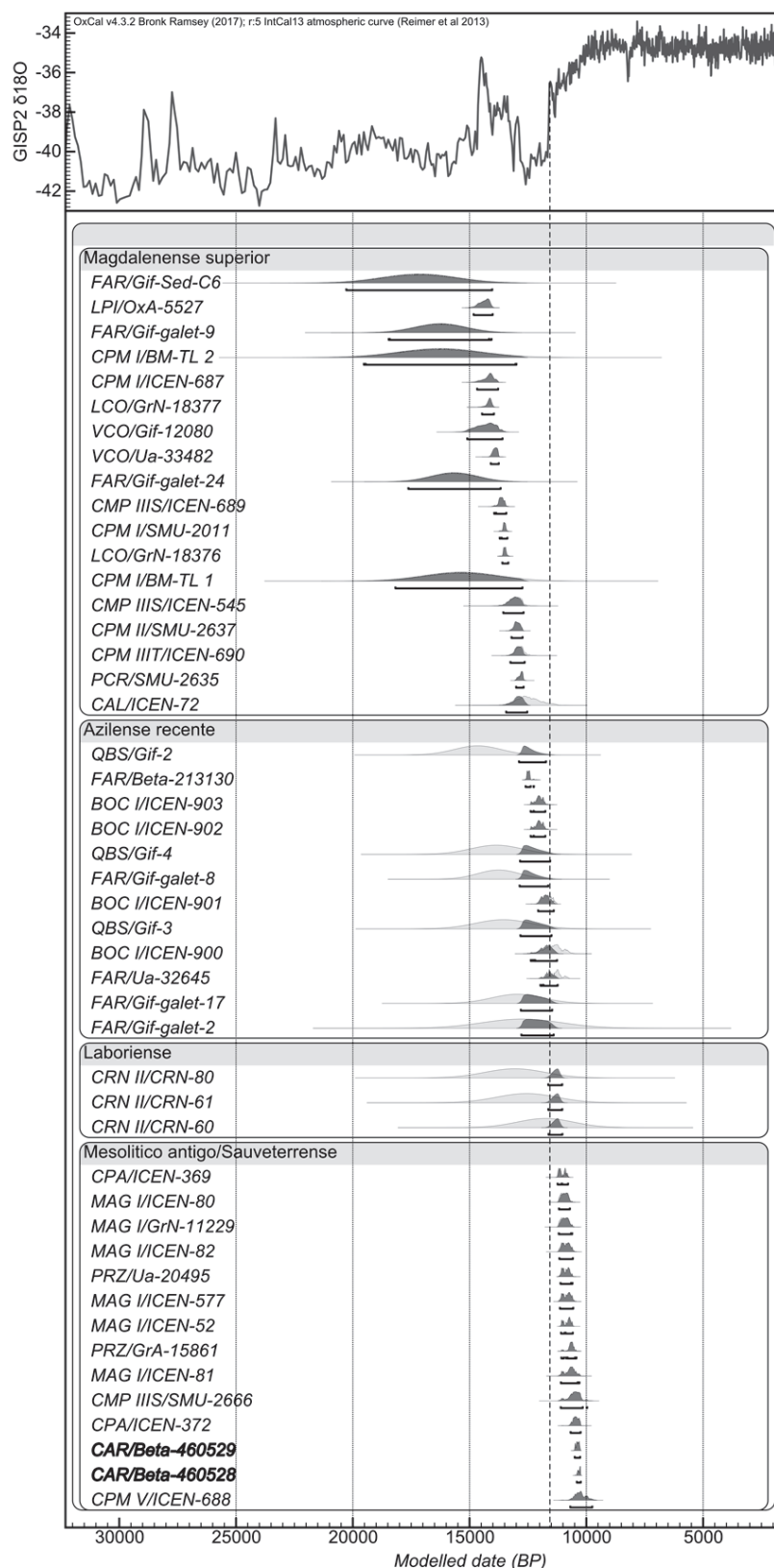
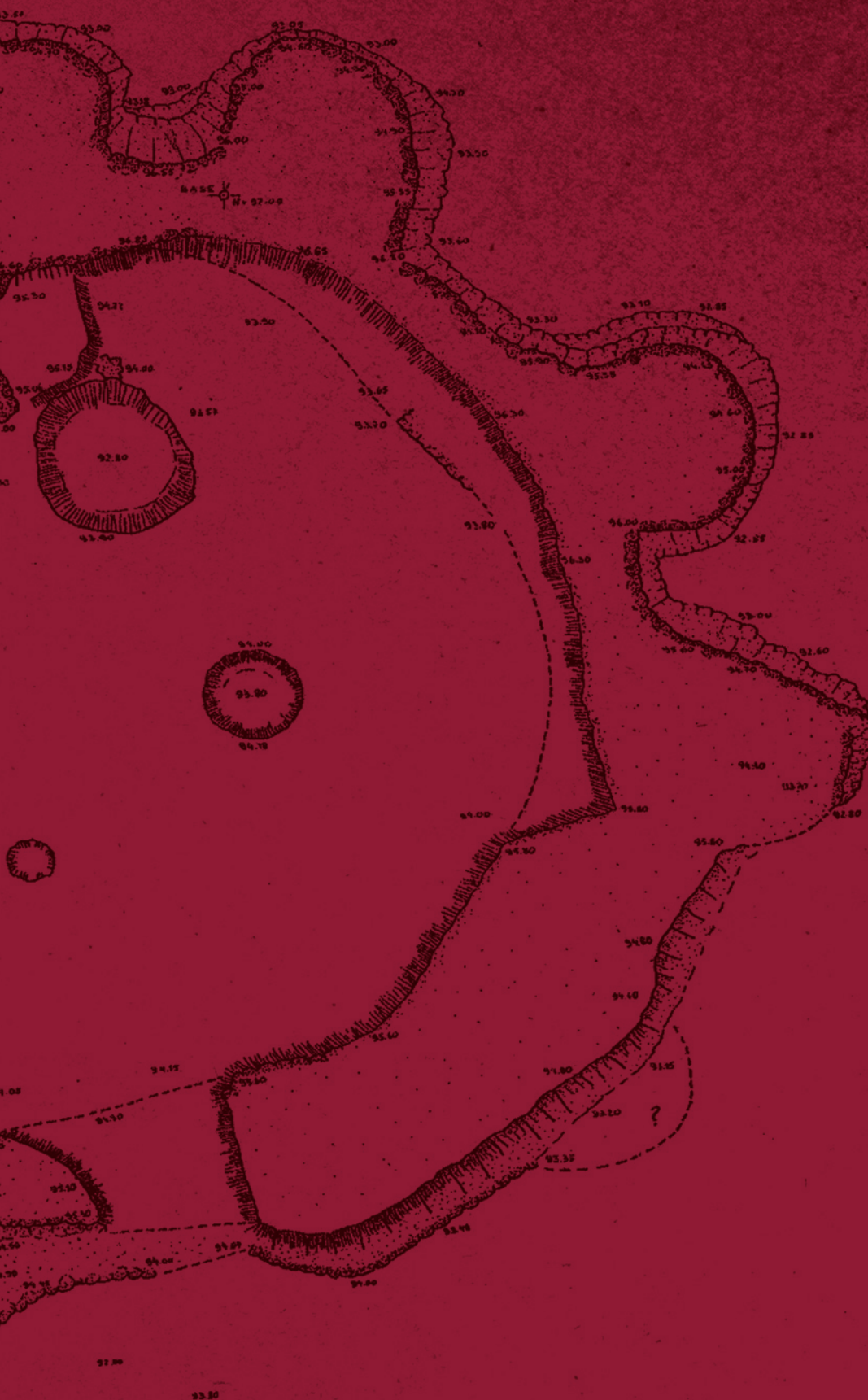


Figura 5 – Modelo bayesiano elaborado com base nas datações obtidas no Vale do Côa e nos contextos do fim do Tardiglacial e do Pré-Boreal em Portugal. FAR = Fariseu, LPI = Lapa do Picareiro, CPM = Cabeço de Porto Marinho, LCO = Lapa dos Coelhoos, VCO = Abrigo do Vale dos Covões, PCR =, Cal = Gruta do Caldeirão, QBS = Quinta da Barca Sul, BOC = Abrigo grande das Bocas, CRN = Carneira, CPA = Casal Papagaio, MAG = Magoito 1, PRZ = Prazo, CAR = Cardina (Ver localização na Fig. 1).



Patrocinador oficial

AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

U FLUL
LISBOA
LETRAS
LISBOA

FCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

**FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP**